

CONCURSO PÚBLICO 2013

PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO I

INGLÊS

17/11/2013

PROVAS	QUESTÕES
LÍNGUA PORTUGUESA	01 a 15
CONHECIMENTOS GERAIS SOBRE EDUCAÇÃO	16 a 30
CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS	31 a 60
REDAÇÃO	—

SÓ ABRA ESTE CADERNO QUANDO FOR AUTORIZADO

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES

1. Quando for permitido abrir o caderno, verifique se ele está completo ou se apresenta imperfeições gráficas que possam gerar dúvidas. Em seguida, verifique se ele contém 60 questões e a Redação.
2. Cada questão apresenta quatro alternativas de resposta, das quais apenas uma é a correta. Preencha, no cartão-resposta, a letra correspondente à resposta julgada correta.
3. O cartão-resposta é personalizado e não será substituído em caso de erro durante o seu preenchimento. Ao recebê-lo, verifique se seus dados estão impressos corretamente; se for constatado algum erro, notifique ao aplicador de prova.
4. As provas terão a duração de **cinco horas**, já incluídas nesse tempo a marcação do cartão-resposta, a transcrição da folha de resposta e a coleta da impressão digital.
5. Você só poderá retirar-se do prédio após terem decorridas **duas horas de prova**. O caderno de questões só poderá ser levado depois de decorridas **três horas e trinta minutos** de prova.
6. **AO TERMINAR, DEVOLVA O CARTÃO-RESPOSTA E A FOLHA DE RESPOSTA AO APLICADOR DE PROVA.**

Leia o cartum a seguir para responder às questões 01 e 02.



Disponível em: <<http://imguol.com/c/noticias/2013/09/06/6set2013>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

— QUESTÃO 01 —

Considerando-se a articulação entre os enunciados verbal e não verbal, está implícita no cartum a ideia de que em São Paulo

- (A) o grafite é protegido pela polícia.
- (B) a administração pública se rendeu aos grafiteiros.
- (C) o povo se organizou para o festival de grafites.
- (D) a juventude adotou o grafite como lazer.

— QUESTÃO 02 —

A produção de sentidos no cartum ocorre, principalmente, pelo uso de

- (A) caricaturas.
- (B) jogo de palavras.
- (C) luz e sombra.
- (D) metalinguagem.

— QUESTÃO 03 —

Leia o cartum a seguir.



Disponível em: <<http://www.cvi.org.br/cartum-informacao.asp>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

O conflito de interação presente no cartum decorre de

- (A) efeito de sentido mal construído.
- (B) subentendido ilógico.
- (C) linguagem figurada inadequada.
- (D) inferência apressada.

Leia o texto a seguir para responder às questões **04 e 05**.

A sociedade da informação

De acordo com Viganigo (2008), a Sociedade da informação não é mais entendida como “A internet”, ela é muito mais do que isso, trata-se de toda uma mudança social, econômica e política que vem se desenvolvendo desde os anos 60. A sociedade de hoje baseia-se em nova forma de organização nas suas maneiras de produção e de negócios. Segundo Takahashi (1998), o deslocamento da economia da indústria para os serviços e da força para o conhecimento mexeu também com a política, as relações pessoais e institucionais, que passaram a depender de trocas de informações constantes. Surge um novo ambiente global baseado em comunicação e informação, cujas regras e modos de operação estão sendo construídos, em todo o mundo, agora. Conforme Viganigo (2008), as modificações do final do século XX podem ser encaradas como uma revolução social. Todas as revoluções trazem mudanças significativas para o grupo atingido por elas: no caso da “Revolução da Informação”, toda a sociedade está sentindo os efeitos, simultaneamente, em maior ou menor grau. [...] Pode-se dizer, ainda de acordo com Takahashi (1998), que a nossa compreensão de tempo, espaço e conhecimento é afetada com a revolução da quantidade de informações, atingindo e modificando o funcionamento de diversos setores. “Tudo leva a crer que a revolução da informação vai modificar de forma permanente a educação, o trabalho, o governo e serviços públicos como saúde, arrecadação e segurança, o lazer, a cultura, as formas de discutir e organizar a sociedade e, em última análise, a própria definição e entendimento do homem.

BARROS, Isabel Hortência Garnica Perez de; VILAS BOAS, José Aurélio. *O impacto das tecnologias da informação e comunicação na educação através das ferramentas web 2.0*. Disponível em: <http://www.aedb.br/seget/artigos10/349_ARTIGO%20SEGET2.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2013. (Adaptado).

— QUESTÃO 04 —

Infere-se do texto que, até o momento,

- (A) internet e sociedade da informação se fundem.
- (B) redes sociais e revolução científica se opõem.
- (C) web e organização cultural se contrastam.
- (D) regras econômicas e sociedade se articulam.

— QUESTÃO 05 —

No texto, a revolução tecnológica opera mudanças que estão relacionadas

- (A) ao apogeu da era das ideias, centrado no conhecimento e na comunicação.
- (B) à reconciliação entre o homem e a matéria, representada pelo sentimento e pelo consumismo.
- (C) à articulação entre os sistemas econômicos, decorrente da aproximação entre capitalismo e socialismo.
- (D) ao reconhecimento da integração da vida, resumido na complementação entre homem e natureza.

Leia o texto a seguir para responder às questões **06 e 07**.

Quadro da educação nacional

Pesquisas na área educacional apontam que um terço dos brasileiros frequenta diariamente a escola (professores e alunos). São mais de 2,5 milhões de professores e 53 milhões de estudantes matriculados em todos os níveis de ensino. Estes números apontam um crescimento no nível de escolaridade do povo brasileiro, fator considerado importante para a melhoria do nível de desenvolvimento de nosso país.

Outra notícia importante na área educacional diz respeito ao índice de analfabetismo. O Censo de 2010 (IBGE) mostra uma queda no índice de analfabetismo em nosso país nos últimos dez anos (2000 a 2010). Em 2000, o número de analfabetos correspondia a 13,63% da população (15 anos ou mais de idade). Esse índice caiu para 9,6% em 2010. Ou seja, um grande avanço, embora ainda haja muito a ser feito para a erradicação do analfabetismo no Brasil.

Outro dado importante mostra que, em 2006, 97% das crianças de sete a quatorze anos frequentavam a escola. A queda no índice de repetência escolar tem diminuído nos últimos anos. A repetência acaba tirando muitos jovens da escola, pois estes desistem. Este quadro tem mudado com reformas no sistema de ensino, que está valorizando cada vez mais o aluno e dando oportunidades de recuperação. As classes de aceleração também estão dando resultados positivos neste sentido.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), aprovada em 1996, trouxe um grande avanço no sistema de educação de nosso país. Esta Lei visa tornar a escola um espaço de participação social, valorizando a democracia, o respeito, a pluralidade cultural e a formação do cidadão. Assim, a escola ganhou vida e mais significado para os estudantes.

Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/educacaobrasil/>>. Acesso em: 15 ago. 2013. (Adaptado).

— QUESTÃO 06 —

A principal estratégia de construção de veracidade do texto é:

- (A) citação de autores consagrados na área educacional.
- (B) referência à legislação e aos resultados de pesquisas.
- (C) descrição do comportamento dos brasileiros jovens.
- (D) predomínio do jargão da área da economia.

— QUESTÃO 07 —

A progressão textual é construída pelo

- (A) reaproveitamento de ideias, uma após outra.
- (B) apontamento de causa e consequência dos problemas.
- (C) reconhecimento do esforço dos gestores educacionais.
- (D) jogo de alternância entre os indicadores educacionais.

Leia o texto para responder às questões de 08 a 15.

A professora do sertão da Paraíba que forma talentos

“Na semana que antecedeu o Natal, eu e o fotógrafo Manoel Marques Neto enveredamos rumo ao alto sertão da Paraíba. Tínhamos como destino a pequena Paulista, uma cidade com 11.783 habitantes, a 397 quilômetros de João Pessoa, a capital do estado. Nossa missão era entender um fenômeno. Os estudantes do município paraibano, encravado no coração do semiárido nordestino, haviam se destacado em uma olimpíada de matemática, que mobilizou no ano passado 19,1 milhões de alunos da rede pública em todo o país. Os paulistenses conquistaram 22 prêmios. Foram cinco medalhas de ouro (um recorde para cidades desse porte), duas de prata, três de bronze e 12 menções honrosas. Tal resultado foi surpreendente. Superou, em termos proporcionais, o desempenho obtido pelos jovens entre 9 e 17 anos das principais cidades do Brasil. [...] Em longos trechos do percurso até Paulista, o que se via era o efeito da maior seca registrada na região nas últimas quatro décadas. A paisagem parecia ter sido destruída por um imenso incêndio. E foi. E ainda é. O Sol queima a região com temperaturas que vão além dos 40 graus nessa época do ano. Não chove, ali, desde outubro de 2011. Então, qual a explicação para tantas medalhas? Todas as respostas convergiam para um nome: Jonilda – ou melhor, professora Jonilda. Qual o seu segredo? Jonilda Alves Ferreira, de 44 anos, não tem poderes sobrenaturais, mas faz lá as suas mágicas. Natural de Paulista, leciona matemática desde 2002. Atualmente, dá aulas para seis turmas do 6º ao 9º ano, na Escola Municipal Cândido de Assis Queiroga. Na cidade, é identificada como a hospedeira de um vírus insólito – que disseminou uma febre por números. Os estudantes do município paraibano transformaram a matemática em uma brincadeira. “O melhor é que ela pode ser levada para qualquer lugar e nunca quebra”, diz Wanderson Ferreira, de 11 anos. O garoto já conquistou três medalhas na Obmep: dois ouros, em 2010 e 2011, e uma prata no ano passado. Adivinha de quem ele é filho? Da Jonilda. Não é simples decifrar o dom de Jonilda. Ela fala em um ritmo pausado, quase sem variações no tom, como quem manifesta um certo fastio. A verborragia, definitivamente, não a brindou. Seu comportamento está a anos-luz dos professores-espertáculo dos cursinhos pré-vestibular. Jonilda é calma – ao extremo. Tanta serenidade, no entanto, é interpretada de forma peculiar pelas crianças. “Ela transmite uma afetividade muito grande e isso é importante na educação”, diz Salete, professora de história e a mãe de Miriam, uma das medalhistas. “As crianças não têm medo ou vergonha de conversar e tirar dúvidas com ela.” Sim, existe empatia, mas também há método. Embora não conheça o trabalho dos grandes gurus globais da educação, Jonilda conta com um repertório variado de estratégias para dominar a sala de aula. Grande parte dos preceitos de teóricos como o americano Doug Lemov, autor de Aula Nota 10, ela adota intuitivamente. “Eu nunca bato de frente com meus alunos”, afirma. “Sempre tento demonstrar que a turma pode contar com meu apoio.” Esse lado “gente boa” tem contrapartida. A professora não permite indisciplinas. “Mas isso é fácil evitar: basta manter as crianças, principalmente as mais ativas, sempre ocupadas”, diz. “Se o aluno não tiver tempo, ele não causa problemas.”



As aulas de fração são na pizzaria. De medidas, na farmácia. “Os alunos gostam e precisam ser desafiados”, diz Jonilda. O impacto das aulas de Jonilda irradia pela cidade. Hoje, os destaques nas olimpíadas não se resumem aos alunos da escola Cândido de Assis Queiroga. Thaís Coelho Farias, de 12 anos, por exemplo, ganhou uma medalha de ouro em 2012. Ela estuda em outro colégio municipal, o José Jerônimo Neto. “Acreditei que, se os alunos de uma escola conseguiram, eu também poderia”, diz. “Mas não nego: me inspirei no Wanderson, o filho da Jonilda.” Outro dado surpreendente: a cidade registra uma migração de alunos de escolas particulares para as públicas. No ano passado, sete garotos se transferiram para o colégio de Jonilda. O que eles queriam? Se dar bem na olimpíada. Lucílio de Azevedo Júnior, de 12 anos, que já ganhou duas menções honrosas (2011 e 2012), seguiu esse caminho. A mãe do garoto, Dannielle Garcia, não concordava com a mudança. Tinha medo do ambiente que o filho encontraria e de como se relacionaria com os novos colegas. “Existe um grande tabu em relação à escola pública”, afirma Dannielle. “Eu só cedi porque meu filho insistiu muito, mas foi a melhor coisa que fiz. Hoje, nem preciso mandá-lo estudar. Ele vai sozinho e gosta de todas as matérias.” Aqui, nota-se outro sintoma da febre que se alastrou pelo município: embora o foco da brincadeira seja a matemática, os alunos em geral apresentam um rendimento mais satisfatório em todas as disciplinas. “O que melhora não é a habilidade de fazer contas”, diz Jonilda. “É a capacidade de raciocínio. E isso serve para as aulas ou qualquer outra coisa.”

Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Visao/noticia/2013/01/como-produzir-talentos.html>>. Acesso em: 4 set. 2013. (Adaptado).

— QUESTÃO 08 —

Os números apresentados no primeiro parágrafo funcionam no texto como recurso argumentativo para conduzir o leitor a

- (A) conhecer uma importante estratégia de ilustração de matérias jornalísticas com pouco rigor na coleta de dados.
- (B) avaliar quanto ainda falta de investimento na educação e a quantidade de recursos a serem investidos.
- (C) verificar o impacto das alternativas pedagógicas inovadoras.
- (D) dimensionar a grandiosidade do evento referido na reportagem e a importante façanha das pessoas envolvidas.

— QUESTÃO 09 —

A composição da imagem de Jonilda, na fotografia, e o uso de “ou melhor” (31ª linha), no texto verbal, cooperam para a produção do mesmo efeito de sentido no leitor, pois agregam informações que

- (A) apresentam personagens secundárias e necessárias para a realização dos feitos relatados.
- (B) introduzem o acontecimento motivador da viagem dos repórteres pelo sertão nordestino.
- (C) valorizam as conquistas da fotografada e a identificam com um grupo social específico.
- (D) enfatizam certas características pessoais da personagem deixadas de lado na reportagem.

— QUESTÃO 10 —

O destaque que justifica a reportagem é:

- (A) o sucesso de uma metodologia de ensino em uma região com graves problemas sociais.
- (B) a aplicação de normas disciplinares rígidas no processo de ensino.
- (C) o fato de o filho da professora ser o maior campeão das olimpíadas.
- (D) a preferência por matrículas nas escolas públicas entre os alunos da cidade de Paulista.

— QUESTÃO 11 —

No trecho “A paisagem parecia ter sido destruída por um imenso incêndio. E foi. E ainda é”, a conjugação do verbo “ser”, no presente e no passado, ajuda a expressar a ideia de

- (A) esperança.
- (B) iteratividade.
- (C) orgulho.
- (D) descontinuidade.

— QUESTÃO 12 —

Além de produzir aproximação com o leitor, a estrutura interrogativa que pressupõe adesão às informações anteriormente apresentadas é:

- (A) “Então, qual a explicação para tantas medalhas?” (linhas 30-31)
- (B) “Qual o seu segredo?” (linha 32)
- (C) “Adivinha de quem ele é filho?” (linhas 44-45)
- (D) “O que eles queriam?” (linha 83)

— QUESTÃO 13 —

Quanto ao gênero, uma característica dessa reportagem que a diferencia, por exemplo, de uma notícia é:

- (A) o relato do processo de obtenção das informações e a descrição do ambiente.
- (B) o fato de ser escrita por um jornalista.
- (C) a identificação completa das pessoas envolvidas nos acontecimentos informados.
- (D) a temática voltada para a educação básica.

— QUESTÃO 14 —

A avaliação psicológica de Jonilda, em “Ela fala em um ritmo pausado, quase sem variações no tom, como quem manifesta **um certo fastio**”, sugere que a professora

- (A) manifesta suas opiniões com a finalidade de publicar seus feitos didáticos.
- (B) vislumbra a realidade educacional com receio, sem apregoar mudanças.
- (C) compartilha responsabilidades com seus colegas de profissão.
- (D) encara suas conquistas de maneira natural, sem demonstrar estrelismos.

— QUESTÃO 15 —

O processo de formação do adjetivo pátrio dos nascidos em Paulista é equivalente ao das pessoas nascidas

- (A) na cidade de São Paulo.
- (B) no estado de São Paulo.
- (C) na cidade de Goiânia.
- (D) no estado da Paraíba.

— QUESTÃO 16 —

O planejamento escolar é o planejamento global da escola, envolvendo o processo de reflexão, de decisões sobre a organização, o funcionamento e a proposta pedagógica da instituição. Segundo Libâneo (1992), esse planejamento configura um processo de:

- (A) racionalização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social.
- (B) registro formal e sistemático das decisões tomadas pelo coletivo escolar, atendendo às exigências das instâncias reguladoras.
- (C) verificação das prioridades de gestão dos recursos financeiros que possam interferir nos processos educacionais.
- (D) organização de um conjunto de disciplinas a serem ensinadas em uma instituição educacional durante um curso.

— QUESTÃO 17 —

Leia o texto a seguir.

Com a adoção da política de ampliação do ensino fundamental para nove anos (Lei 11.274/2006) “ocorrerá a inclusão de um número maior de crianças no sistema educacional brasileiro, especialmente aquelas pertencentes aos setores populares, uma vez que as crianças de seis anos de idade das classes média e alta já se encontram, majoritariamente, incorporadas ao sistema de ensino fundamental”.

Disponível em: <portal.mec.gov.br>. Acesso em: 20 set. 2013.

Essa política se justifica porque

- (A) as crianças precisam de um lugar seguro para serem cuidadas e protegidas enquanto os seus responsáveis estão no trabalho.
- (B) os estudos e as pesquisas educacionais comprovam que, quanto mais cedo a criança ingressar na escola, melhor será o seu desempenho educacional.
- (C) as famílias e a sociedade em geral exercem uma pressão pela ampliação de oferta de vagas no ensino fundamental.
- (D) o perfil da pirâmide populacional sofreu alterações com a redução da demanda de vagas para crianças de zero a seis anos.

— QUESTÃO 18 —

A partir da década de 1980, teve início uma gama de estudos das ciências da educação, da linguística, da psicologia, da filosofia e da sociologia, as quais trouxeram à tona inúmeras teorias relacionadas aos processos educativos, deflagrando vigoroso questionamento e revisão do ensino vigente e o início de uma série de mudanças nos paradigmas educacionais. Dentre estas mudanças destacam-se aquelas relacionadas ao *papel do professor*, que passa a

- (A) afirmar a sua posição de detentor do conhecimento, de modo a garantir o respeito e a atenção dos estudantes.
- (B) adotar a postura de transmissor dos saberes historicamente acumulados, de acordo com a especificidade da sua formação.
- (C) assumir o papel de mediador, orientador e estimulador na construção social do conhecimento do aluno.
- (D) definir e orientar o ensino segundo as posições políticas, científicas e ideológicas do Estado brasileiro.

— QUESTÃO 19 —

Leia o texto a seguir.

O Brasil continua exibindo um número enorme de analfabetos. Apesar de queda anual e de marcantes diferenças regionais e setoriais, a existência de pessoas que não sabem ler ou escrever por falta de condições de acesso ao processo de escolarização deve ser motivo de autocrítica constante e severa. [...] É de se notar que, segundo as estatísticas oficiais, o maior número de analfabetos se constitui de pessoas com mais idade, de regiões pobres e interioranas e provenientes dos grupos afro-brasileiros. Muitos dos indivíduos que povoam estas cifras são os candidatos aos cursos e exames do ainda conhecido como ensino supletivo.

BRASIL. CNE/CEB 11/2000.

De acordo com o texto, a Educação de Jovens e Adultos, no Brasil, consiste em

- (A) uma política educacional eficiente que vem promovendo a erradicação do analfabetismo em todas as regiões do país.
- (B) uma política afirmativa dos municípios situados nas regiões Norte e Nordeste, com população proveniente de grupos afro-descendentes.
- (C) um desafio educacional, pois as estatísticas demonstram que o analfabetismo continua crescendo em todo o Brasil, apesar dos esforços dos governos.
- (D) um desafio de saldar uma dívida social não reparada com os que não tiveram acesso à leitura e escrita como bens sociais, na escola ou fora dela.

— QUESTÃO 20 —

Segundo Luckesi (2011), há uma diferença entre os atos de examinar e de avaliar na escola. Para ele “os exames escolares estão aprisionados nos problemas da aprendizagem e neles se perdem, tornando difícil qualquer possibilidade de busca de solução para os impasses encontrados. A avaliação, ao contrário, por voltar-se do presente para o futuro está atenta às soluções. A função central do ato de avaliar é subsidiar soluções para os impasses diagnosticados, a fim de chegar de modo satisfatório aos resultados desejados” (p.186)

Para este autor, portanto, a avaliação da aprendizagem deve constituir-se em

- (A) uma ação complexa que permite e sugere a tomada de decisão do avaliador a favor da melhoria do processo ensino-aprendizagem.
- (B) uma fase conclusiva do ciclo didático que define a classificação dos estudantes no fluxo escolar da educação.
- (C) um recurso importante para informar aos sistemas e às redes de ensino o resultado do desempenho dos alunos.
- (D) um instrumento de controle e acompanhamento do trabalho pedagógico rumo à efetivação dos objetivos escolares.

— QUESTÃO 21 —

De acordo com Libâneo, Oliveira e Toschi (2012), “observa-se uma forte influência das políticas neoliberais no encaminhamento dos processos de expansão da oferta de vagas nos sistemas de ensino. Tais processos visam garantir as condições de promoção da competitividade, da eficiência e da produtividade exigidas pelo mercado. Busca-se a eficiência pedagógica por meio da instalação de uma pedagogia da concorrência, da eficiência e dos resultados (produtividade)”.

De acordo com esses autores, essa pedagogia

- (A) tem sido levada a efeito, dentre outras estratégias, mediante a adoção de mecanismos de classificação das escolas, com ênfase na gestão e na organização escolar.
- (B) visa transformar a educação pública em referência por meio de mecanismos de valorização dos profissionais da educação e de redução da jornada de trabalho dos professores.
- (C) atende aos anseios das camadas populares por ampliar a oferta de vagas em cursos profissionais e consolidar a política do pleno emprego.
- (D) contribui para promover a desvinculação do financiamento educacional dos mecanismos de avaliação institucional.

— QUESTÃO 22 —

A avaliação da aprendizagem escolar pode ser realizada em várias dimensões de acordo com os objetivos definidos pelo professor. No processo avaliativo em que o objetivo é *identificar as dificuldades que os alunos estão enfrentando na aprendizagem de determinados conhecimentos, atitudes e habilidades ao longo de uma etapa letiva, para, a partir das informações, organizar novas formas de ensinar*, o professor promove uma avaliação:

- (A) normativa
- (B) somativa
- (C) eletiva
- (D) formativa

— QUESTÃO 23 —

A formação dos professores deve estar ancorada em alguns pressupostos, dentre os quais se destaca a definição do currículo, que revela o que será ensinado ao futuro educador. Em geral os saberes da docência dividem-se entre os conhecimentos específicos das diversas áreas do conhecimento e os saberes pedagógicos. Para Franco (2008, p. 129), os saberes pedagógicos devem fundamentar-se

- (A) nos objetivos das teorias técnico-científicas.
- (B) nas práticas sociais e historicamente construídas.
- (C) nos princípios da racionalidade técnica.
- (D) nos princípios da administração gerencial.

— QUESTÃO 24 —

Segundo Zuin, “A ênfase sobre aspectos técnicos envolvidos no uso dos instrumentais não pode ser absolutizada a ponto de ofuscar a necessária discussão sobre o papel da tecnologia como processo social que reconfigura as características identitárias dos agentes educacionais”. (2010, p. 967)

Com a introdução das novas tecnologias nas escolas, o papel dos professores

- (A) passa a ser o de conduzir os estudantes no processo de assimilação da linguagem digital, por meio da promoção de experiências interativas em rede.
- (B) passa a ser o de transmissor de informações e conhecimentos para os alunos, com economia de tempo e maior eficácia no ensino.
- (C) é colocado em plano secundário no processo de ensino, em que conteúdos e saberes escolares poderão ser ministrados a distância, mediados pela tecnologia de transmissão simultânea a muitos espaços educativos interligados.
- (D) passa por algumas mudanças, cabendo a eles coordenar o espaço, o tempo e o processo de interação e comunicação com os alunos, no desenvolvimento de aprendizagens que propiciem a produção do conhecimento.

— QUESTÃO 25 —

No campo de estudos do currículo predominam algumas abordagens ou concepções fundamentadas em bases teóricas e epistemológicas divergentes. Uma delas “é baseada numa concepção conservadora da cultura (fixa, herdada, estável) e do conhecimento (fato, informação), numa visão que se baseia numa perspectiva conservadora da função social e cultural da escola e da educação”. (Moreira; Silva, 2011)

O currículo com tais características é orientado pela seguinte concepção:

- (A) tecnicista
- (B) pós-crítica
- (C) tradicional
- (D) crítica

— QUESTÃO 26 —

Leia o texto a seguir.

Os professores precisam encontrar meios de criar espaço para um mútuo engajamento das diferenças vividas, que não exija o silenciar de uma multiplicidade de vozes por um único discurso dominante; ao mesmo tempo, devem desenvolver formas de pedagogia ancoradas em uma sólida ética que denuncie o racismo, o sexismo e a exploração de classes como ideologias e práticas sociais que convulsionam e desvalorizam a vida pública [...]. Uma pedagogia crítica examina cuidadosamente e por meio do diálogo as vias pelas quais as injustiças sociais contaminam os discursos e as experiências que compõem a vida cotidiana e as subjetividades dos alunos que neles investem. (Giroux; Simon, p. 121, in: Moreira; Silva, 2011)

O texto remete a uma compreensão plural do currículo, segundo a qual a formação dos educandos e o papel dos educadores devem incluir

- (A) uma visão eurocêntrica de cultura que valorize e divulgue os valores e o modo de vida das maiorias.
- (B) uma ampliada definição de cultura popular no campo de embate entre grupos dominantes e subordinados.
- (C) uma clara definição dos valores das classes dominantes como forma de garantir a ascensão social das camadas mais pobres.
- (D) uma postura de neutralidade política e ideológica, de modo a permitir que a transmissão do conhecimento seja igual para todos.

— QUESTÃO 27 —

A organização e a gestão da escola correspondem à necessidade de a instituição escolar dispor das condições e dos meios para a valorização de seus objetivos específicos. Dentre estes objetivos, um dos mais relevantes, para Libâneo, Oliveira e Toschi (2012, p. 413), é:

- (A) estabelecer uma produtiva parceria entre pais e professores.
- (B) promover o engajamento dos estudantes e pais no projeto pedagógico.
- (C) obter os melhores índices de desempenho nos exames nacionais.
- (D) garantir a realização da aprendizagem para todos os alunos.

— QUESTÃO 28 —

A partir da Constituição Brasileira de 1988, a criança de zero a seis anos passou a ser concebida como sujeito de direitos. Até então, a educação de crianças nessa faixa etária não era contemplada pelo sistema educacional brasileiro. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei n. 9394/1996, a oferta da Educação Infantil ocorre em creches (para crianças de 0 a 3 anos) e em pré-escolas (para crianças de 4 e 5 anos), prevendo também que ela será

- (A) de competência dos municípios, em parceria com a rede privada.
- (B) de competência dos municípios, gratuita mas não obrigatória.
- (C) de competência dos estados, financiada pela iniciativa privada.
- (D) de competência da União, por meio de convênios com os municípios.

— QUESTÃO 29 —

A avaliação da educação tornou-se uma política de Estado no Brasil a partir das reformas ocorridas nos anos 1990. Desde a criação do Sistema Nacional de Educação Básica (SAEB), constituído de duas avaliações (a Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb) e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc) ou Prova Brasil), este modelo de avaliação vem proporcionando o estabelecimento de comparações e competitividade entre as instituições educacionais e entre governos de estados e municípios. Neste contexto, a análise de Freitas (2008) acrescenta que

- (A) a responsabilização dos professores e gestores pelos resultados vem induzindo a conformação e a homogeneização dos currículos, de modo a ajustá-los aos conteúdos dos exames.
- (B) o estímulo à concorrência entre escolas e redes de ensino com promessas de premiações àqueles que alcançarem melhores índices tem grande potencial de elevar a qualidade do ensino.
- (C) a indução e a padronização dos currículos poderão aumentar as chances de os estudantes se saírem melhor nos exames, por focar apenas nos conteúdos essenciais.
- (D) a responsabilização dos professores e gestores pelos resultados é uma ação necessária e recomendável para tornar o grupo mais motivado.

— RASCUNHO —**— QUESTÃO 30 —**

Os dados do Saeb de 1995 a 2003 foram analisados e constatou-se uma tendência de decréscimo no desempenho dos estudantes, revelando a ausência de melhorias ao longo do período, que pode ser observado pela série histórica desses indicadores. “Em Língua Portuguesa, a média de desempenho decresce respectivamente, de 188,3 para 169,4 na 4^a série; de 256,1 para 232,0 na 8^a série e de 298,0 para 262,3 na 3^a série do Ensino Médio. Em Matemática há decréscimos na média de desempenho de 190,6 para 171,1 na 4^a série, de 253,2 para 245,0, na 8^a série e de 281,9 para 278,7 na 3^a série do Ensino Médio”. (INEP, 2004)

A análise destes indicadores demonstra

- (A) que o aumento de demanda por matrículas na educação básica implicou na adoção de políticas de cunho regulatório.
- (B) a tendência de a estatística interferir no desempenho dos estudantes à medida que os resultados possam induzir mudanças na escola.
- (C) a incapacidade dos exames de larga escala promoverem mudanças qualitativas no desempenho dos estudantes.
- (D) que a aplicação de provas e a divulgação dos resultados estimulam o desempenho de alunos e professores.

— QUESTÃO 31 —

To Richards (2002, In: RICHARDS & RENANDYA, 2002, p. 24), science-research conceptions, theory-philosophy conceptions, and art-craft conceptions represent different points of view about what teaching is. In case of art-craft conceptions, what are the essential skills in teaching?

- (A) Grasp the learning principles; develop tasks and activities based on the learning principles, monitor students' performance on tasks to see that desired performance is being achieved.
- (B) Understand the theory and the principles; select syllabi, materials, and tasks based on the theory; monitor your teaching to see that it conforms to the theory.
- (C) Comprehend values behind the approach; select only those educational means which conform to these values; monitor the implementation process to ensure that the value system is being maintained.
- (D) Treat each teaching situation as unique; identify the particular characteristics of each situation; try out different teaching strategies; develop personal approaches to teaching.

— RASCUNHO —**— QUESTÃO 32 —**

First and second language acquisition theories seek to explain how people learn and acquire a language, what factors affect their success and what key concepts and views most contribute to a fuller understanding of how learning occurs. Statements 1 to 4 refer to some of these key concepts and views. Read them carefully and match them according to their respective labels or names.

1. Second language acquisition takes place gradually, through experience and practice. At first, learners have to pay attention to any aspect of the language which they are trying to understand or produce. Then, learners become able to use certain parts of their knowledge that soon become automatic.
2. For learning to take place, social interaction is crucial. According to this view learning results when learners interact with someone else, an adult or a more capable peer, in the process of trying to solve a problem. It is believed that this view of learning applies to all learning, including learning a first or second language.
3. Children are biologically programmed for language acquisition. They are born with a special language acquisition device (LAD), also described as an imaginary 'black box' which enables them to discover for themselves the underlying rules of a language system they have contact with.
4. Adult second language learners rely on two approaches for learning a second language: acquisition which takes place when learners engage in meaningful interaction in the second language with no attention to form and learning which is a conscious process of study and attention to form and error correction.

FREEMAN, D.; FREEMAN, Y. *Between worlds: access to second language acquisition*. Portsmouth, NH: Heinemann, 2011. p. 132-137.

The right sequence of labels that correlates to statements 1 to 4 in the box is:

- (A) Vygotsky's view of learning; Krashen's hypothesis; innatist theory; cognitive theory.
- (B) Krashen's hypothesis; cognitive theory; innatist theory; Vygotsky's view of learning.
- (C) cognitive theory; Vygotsky's view of learning; innatist theory; Krashen's hypothesis.
- (D) innatist theory; Vygotsky's view of learning; Krashen's hypothesis; cognitive theory.

— QUESTÃO 33 —

Read the following description of a teaching approach.

Students often say things like “I am boring” when they mean “I am bored”, so the teacher’s instructions might focus on the differences between these two forms. For example, the teacher might give a series of sentences such as “The book is boring, so I am bored”.

FREEMAN, D.; FREEMAN, Y. *Between worlds: access to second language acquisition*. Portsmouth, NH: Heinemann, 2011. p. 135.

The description suggests that the teacher views language as

- (A) interaction.
- (B) habit conditioning.
- (C) functional resource.
- (D) structure.

— QUESTÃO 34 —

Analyze the following teaching scene.

Student	Nobody don't like me.
Teacher	No, say 'nobody likes me'.
Student	Nobody don't like me.
Teacher	Nobody likes me. (eight repetitions of this dialogue)
Teacher	No, now listen carefully; say 'nobody likes me'.
Student	Oh! Nobody don't likes me.

BROWN, D. *Principles of language learning and teaching*. Englewood Cliffs/NJ: Prentice Hal, 1993. p. 38.

The scene suggests that the teacher views error correction as

- (A) a developmental process.
- (B) a fossilization process.
- (C) a conditioning process.
- (D) a creative process.

— QUESTÃO 35 —

An elementary school teacher once asked her students to take out a piece of paper and pencil and write something. A little boy raised his hand, “Teacher, I ain’t got no pencil.” The teacher, somewhat perturbed by his grammar, embarked on a barrage of corrective patterns: “I don’t have a pencil. You don’t have a pencil. We don’t have pencils.” Confused and bewildered, the child responded, “Ain’t nobody got no pencils?”. Brown (1994, p. 91) makes use of this event to show that children

- (A) tend to have short attention spans.
- (B) are focused on functional language.
- (C) learn better with supportive teachers.
- (D) need the “hands-on” mode of learning.

— QUESTÃO 36 —

Vygotsky developed a theory of learning which has been the basis for much of the current research in second/foreign language acquisition. Central to the concepts of this theory is the view of learning as process of

- (A) remembering and forgetting information.
- (B) combining a set of cognitive strategies.
- (C) internalizing social experience.
- (D) continuously practicing the target form.

— QUESTÃO 37 —

According to Freeman & Freeman (2011), one way to answer the question, ‘What do we acquire when we acquire a language?’ is to say that we develop the language we need to do certain things. Smith (1983 in FREEMAN & FREEMAN, 2011) points out that our language can serve three main functions: (1) the referential function, (2) the expressive function, and (3) the integrative function. The most basic function of language and probably the first one we develop is the *referential function*, which speakers use to

- (A) reveal a particular perspective or viewpoint.
- (B) express solidarity in relation to the interlocutor.
- (C) show how they feel about a certain topic.
- (D) get and give information about the world.

— QUESTÃO 38 —

The second function mentioned by Smith (1983, In: FREEMAN & FREEMAN, 2011), the *expressive function*, is also important for someone to function fully in a language. It refers to the ability to

- (A) use the right variety of language in appropriate social situations.
- (B) signal attitudes or emotions by the choices we make among words.
- (C) acquire and express concepts about the world.
- (D) indicate our social status or relationship to others.

— QUESTÃO 39 —

As Smith (1983, In: FREEMAN & FREEMAN, 2011) points out that, in addition to the referential and the expressive functions, people also develop the *integrative function*, which can be illustrated in the following statement:

- (A) “I and You”.
- (B) “I live in Texas”.
- (C) “I dislike cats”.
- (D) “My name is David”.

— QUESTÃO 40 —

Read the following text.

Students rely on various learning strategies to communicate in a second language. Typically, strategies are divided into three main categories: (i) metacognitive, (ii) cognitive, and (iii) socioaffective strategies.

BROWN, D. *Principles of language learning and teaching*. Englewood Cliffs/NJ: Prentice Hall, 1993.

Metacognitive strategies involve:

- (A) working with one or more peers to obtain feedback; remembering new items and words.
- (B) planning for learning; thinking about the learning process as it is taking place and monitoring one's production.
- (C) asking for repetition or explanation; applying rules to produce or understand the second language.
- (D) imitating a language model; using available information to guess meanings of new items.

— QUESTÃO 41 —

Read the following text.

As part of the process of acquiring a language, learners also develop specific strategies that help them to overcome their limitations of unknown language forms or discursive uses. Cohen and Olstain (1993 in Freeman & Freeman, 2011) describe examples of strategies used by second language speakers during an experiment in which they had to make requests in different social situations. For example, one student, Maria, wanted to explain her late arrival at a meeting by stating that the bus had not come, but she couldn't think of how to say that in English, so she changed her message to '*I missed the bus*'. In another case a student, Marilda, for example, referred to the *weather vane* as '*the thing that helps us see which way the wind is blowing*' rather than using the word '*windfinder*', Ramon's choice for weather vane. Another student, Yvonne, used the word *becomed* as she talked with Crista. The last example comes from Virginia who said that '*Patrick was using a blue sweater*' instead of *wearing*.

FREEMAN, D.; FREEMAN, Y. *Between worlds*: access to second language acquisition. Portsmouth, NH: Heinemann, 2011. p. 96-99. (Adaptado).

Analyzing the above examples, it is correct to say that

- (A) Maria and Marilda used the same strategy, avoidance; Ramon, Yvonne, and Virginia used respectively word coinage, transfer, and translation.
- (B) Maria used avoidance; Marilda, paraphrase; Ramon, word coinage; Yvonne, overgeneralization; and Virginia assumed the word *use* as a cognate.
- (C) Ramon and Yvonne used the same strategy, word coinage; Virginia, Maria, and Marilda used respectively word transfer; explanation, and circumlocution.
- (D) Maria and Marilda used paraphrase; Virginia and Yvonne, overgeneralization; and Ramon, synonym.

— QUESTÃO 42 —

Read the following text.

Teaching cannot be defined apart from learning. Understanding how learners learn will enable teachers to determine their philosophy of education, their teaching style, approach, methods, and classroom techniques. Brown (1993, p. 7) noted that "teaching is guiding and facilitating learning, enabling the learner to learn, setting the conditions for learning".

BROWN, D. *Principles of language learning and teaching*. Englewood Cliffs/NJ: Prentice Hall, 1993.

After reading the above text, one infers that

- (A) teaching approaches should reflect teachers' beliefs.
- (B) good teaching depends on good theories of teaching.
- (C) teachers must develop skills in classroom techniques.
- (D) teachers' practice must be informed by learning theories.

— QUESTÃO 43 —

The role of the teacher varies accordingly to different language theories, approaches, and methods. When Brown (1993, p. 7) says that "teaching is guiding and facilitating learning, enabling the learner to learn, setting the conditions for learning", he takes a position which is in accordance with the

- (A) Grammar-Translation Method.
- (B) Direct Method.
- (C) Audiolingual Method.
- (D) Communicative Language Teaching.

— QUESTÃO 44 —

Kumaravadivelu (2003), in the text *Raising Cultural Consciousness*, defines the traditional approach to the teaching of culture. The main aim of this approach is to help the learner

- (A) gain an understanding of the native speaker's perspective.
- (B) expand their repertoire of experiences and behaviour, not subtract anything.
- (C) see the classroom as the site of intersection of multiple worlds of discourse.
- (D) become aware of their own cultural lens and the other's different lens.

— QUESTÃO 45 —

Read the following text.

Native speakers have traditionally enjoyed a natural prestige as language teachers, because they are seen as not only embodying the ‘authentic’ use of the language, but as representing its original cultural context as well. In recent times, the identity as well as the authority of the native speaker have been put into question.

KRAMSCH, C. *Language and culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 79.

This change in perspective relies on the fact that

- (A) the notion of an “ideal native speaker” is an abstraction based on arbitrarily selected features of pronunciation, grammar, as well as on stereotypical features of appearance.
- (B) native speakers have natural intuitions of grammatical accuracy, but most of them are not qualified teachers for they lack metalinguistic competence.
- (C) a “culture-shock” may take place upon communication between people who do not share the same nationality, social or ethnic origin, or sexual preference.
- (D) native English teachers feel that their ‘authentic’ use of the language is being threatened due to their contact with non-native English speakers.

— QUESTÃO 46 —

Read the following text.

Weininger (2006) argues that the traditional “classroom model” does not exist anymore. The assumptions motivating dominant pedagogical practices, which have come to be accepted as professional commonsense in Foreign Language Teaching, have failed to accommodate the competing knowledge, values, and practices of diverse communities that struggle for dominance in the new era of globalization. This is the case, for example, of communicative approaches, which assume that learning a foreign language is learning to communicate “spontaneously” in “authentic”, “contextualized”, “interactional” and “collaborative” classroom activities. However, the intrinsic contradiction of these approaches lies in the fact that they are not grounded in real but simulated activities. This can be illustrated by the following instructions: “Pretend you are X...” and “Remember: be authentic! Spontaneous! Now, begin!”

WEININGER, M. Do aquário em direção ao mar aberto: mudanças no papel do professor e do aluno. In: LEFFA, V. *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas, RS: Educat, 2006. p. 45-74.

After reading the above text, it is correct to affirm that the author

- (A) claims for value-free, pragmatic and autonomous learning and teaching practices.
- (B) believes that teachers should improve their teaching skills in communicative approaches.
- (C) believes that teachers should attempt to critically interrogate their pedagogical practices.
- (D) claims for a pedagogical change based on collaborative activities and procedures.

— QUESTÃO 47 —

Crawford (2002, In: RICHARDS & RENANDYA, 2002) presents many arguments against the use of published textbooks in English language teaching. Which argument questions teachers’ professionalism?

- (A) They cannot meet the needs of different groups since each group is unique.
- (B) They are carriers of grammatical structures that have to be introduced to the learners.
- (C) They reduce the teacher’s role to one of managing or overseeing preplanned events.
- (D) They often present an idealized view of the world or fail to represent real issues.

— QUESTÃO 48 —

According to Stempleski (2002, In: RICHARDS & RENANDYA, 2002, p. 364), “the teacher plays a key role in the success or failure of any video used in the language classroom”. In fact, the author contends that students can be confused because

- (A) it is important that they focus their eyes, ears, and minds on the video in way that will increase both comprehension and recall and add to the satisfaction they gain from viewing.
- (B) they should have an appreciation of video as a valuable tool for language learning and develop viewing skills which they can apply to their video and television viewing experiences.
- (C) short segments of a video, rather than the whole video, is normally chosen to introduce or expand on a topic that is already part of the curriculum or that is dealt with in the students’ textbook.
- (D) a video is an extremely dense medium, one which incorporates a wide variety of visual elements and a great range of audio experiences in addition to spoken language.

— QUESTÃO 49 —

The Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira establish general guidelines for foreign language teaching in Brazil. According to these guidelines, what is the main reason why public school students should learn English in Brazil?

- (A) To increase their self-perception as human beings and citizens.
- (B) To have more professional opportunities when they finish their studies.
- (C) To have access to the wealth of information and entertainment available in English.
- (D) To study in universities around the world whose entire courses are in English.

— QUESTÃO 50 —

The view of language that underlies the *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira* is the one that favours the student's discursive engagement, that is, the student's capacity to engage himself/herself and others in discourse so that he/she can act in the social world. This view is grounded on

- (A) structuralism.
- (B) sociointeractionism.
- (C) functionalism.
- (D) cognitivism.

— QUESTÃO 51 —

When English students read a text which starts with "Once upon a time," they know they will read a story that is normally organized into situation, problem, solution, and evaluation. This knowledge is presented in the *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira* as part of the meaning-making process in a discursive perspective and is defined as knowledge of

- (A) text organization.
- (B) the world.
- (C) grammar structures.
- (D) strategic competence.

— QUESTÃO 52 —

In *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira*, the authors defend that themes of social interest should be brought to class, which can be done by means of the choice of themes, the choice of language, the choice of text types, and linguistic variation. Which of the following topics suggested by the authors especially refers to the choice of linguistic variation?

- (A) Focusing on the political organization of ethnic minorities, such as the Maoris in New Zealand.
- (B) Analysing the use of generic singular pronouns in academic texts to avoid the sexist "he": "he/she"; "they"; another form?
- (C) Comparing two editorials about the same topic published in a minority newspaper and a general newspaper.
- (D) Discussing the status of Black English in relation to Standard English in the United States of America.

Read this text and answer questions **53** and **54**.

A standard variety gets its prestige owing to social, political, and economic factors and not linguistic ones. Linguistically speaking, a standard variety is neither superior nor inferior to any other. Given these facts, it is easy to conclude that "the custodians of standard English are self-elected members of a rather exclusive club" (WIDDOWSON, 1994, p. 377).

The issue of "standard" becomes even more complicated in the context of several varieties of World Englishes because of colonial history and national identity. Colonialism used language as an instrument of political, social, and cultural control. Postcolonial theorists tell us that language "is a fundamental site of struggle for postcolonial discourse because the colonial process itself begins in language. The control over language by the imperial centre – whether achieved by displacing native languages, by installing itself as a 'standard' against other variants which are constituted as 'impurities,' or by planting the language of empire in a new place – remains the most potent instrument of cultural control" (BILL ASHCROFT, GARETH GRIFFITHS and HELEN TIFFIN, 1995, p. 283).

KUMARAVADIVELU, B. *Beyond methods: macrostrategies for language teaching*. New Haven: Yale University Press, 2003. p. 242-243.

— QUESTÃO 53 —

Who are then the "custodians of standard English"?

- (A) Dominant classes.
- (B) Applied linguists.
- (C) Educated native speakers.
- (D) Members of a language club.

— QUESTÃO 54 —

World Englishes results from the fact that, in colonialism, English was

- (A) controlled by the imperial centre.
- (B) preferred by native speakers.
- (C) considered a purer language.
- (D) imposed on the British colonies.

— QUESTÃO 55 —

Moita Lopes (2006, In: MOITA LOPES, 2006, p. 96-105) discusses four points related to a contemporary applied linguistics: the inevitability for a hybrid, mixed applied linguistics; an applied linguistics that explodes the relationship between theory and practice; the need for another subject for applied linguistics: the voices of the South; an LA as an area whose new pillars are ethic and power. What characterises the explosion of the relationship between theory and practice?

- (A) The use of new theories from other areas of knowledge that can really be applied to practice.
- (B) The production of knowledge that is responsive to the voices of those who experience social practice.
- (C) The search for forms of theorizing that are based on practical views of the world we live in.
- (D) The type of research that has as a starting point the problematizing of our own identities.

— QUESTÃO 56 —

According to Kumaravadivelu (2006, In: MOITA LOPES, 2006), a close and critical analysis of the relevant literature on globalization reveals the emergence of three schools of thought: cultural homogenization, cultural heterogenization, and a tension between the first and the second, called "glocalization, where the global is localized and the local is globalized" (p. 134). What example does the author give of glocalization?

- (A) The emergence of a globally oriented high-tech sector in India.
- (B) Young people in various parts of the world wearing Nike athletic shoes.
- (C) Vegetarian food sold in the American fastfood chain McDonald's in India.
- (D) The selling of Brazilian television programmes to Portugal.

— QUESTÃO 57 —

The last paragraph of the introduction to the book "Beyond methods" by Kumaravadivelu (2003, p. 4) starts with the following sentence in the box. Which alternative completes the sentence in the box?

Because this is not a recipe book,

- (A) it does not specify any one particular way of "doing" the teaching.
- (B) it tends to diminish the complexity of teaching for novice teachers.
- (C) it shows what teachers should do to have better teaching outcomes.
- (D) it presents chapters with the same format: three broad sections.

Read this text and answer questions **58** and **59**.

It is generally agreed that teachers' classroom practice is directly or indirectly based on some theory whether or not it is explicitly articulated. Teachers may have gained this crucial theoretical knowledge either through professional education, personal experience, robust common sense, or a combination. In fact, it has been suggested that there is no substantial difference between common sense and theory, particularly in the field of education. Cameron et al. (1992, pp. 18-19), for instance, assert that common sense is different from theory "only by the degree of formality and selfconsciousness with which it is invoked. When someone purports to criticize or 'go beyond' common sense, they are not putting theory where previously there was none, but replacing one theory with another."

KUMARAVADIVELU, B. *Beyond methods: macrostrategies for language teaching*. New Haven: Yale University Press, 2003. p. 17.

— QUESTÃO 58 —

What is Kumaravadivelu's view of common sense?

- (A) It cannot be easily articulated by teachers.
- (B) It is the result of personal experience.
- (C) It is based on some theoretical knowledge.
- (D) It may be more formal than theory.

— QUESTÃO 59 —

The belief that underlies the text is that teachers

- (A) have theoretical knowledge about teaching.
- (B) deserve a good professional education.
- (C) should improve their theoretical knowledge.
- (D) must learn how to articulate their theories.

— QUESTÃO 60 —

Read the following text.

Kumaradivelu (2003) affirms that based on theoretical, experimental, and experiential knowledge, teachers and teacher educators have expressed their dissatisfaction with method in different ways. Studies by David Nunan (1987), Michael Legutke and Howard Thomas (1991), Kumaravadivelu (1993b), and others clearly demonstrate that, even as the methodological band played on, practicing teachers have been marching to a different drum.

KUMARAVADIVELU, B. *Beyond methods: macrostrategies for language teaching*. New Haven: Yale University Press, 2003.

In short, what Kumaradivelu means is that

- (A) teachers feel more confident when they use any of the established methods because they are anchored in consistent theoretical principles and methodologies.
- (B) methods do not refer to what teachers actually do in the classroom; rather, it refers to established methods conceptualized and constructed by experts in the field.
- (C) methods as conceptualized by theorists broaden teachers' horizons and overcome the methodological limitations they might have.
- (D) methods help teachers to develop a sense of what good teaching is, maximizing learning opportunities in the classroom.

REDAÇÃO**Instruções**

Você deve desenvolver seu texto em um dos gêneros apresentados nas propostas de redação. O tema é único para as duas propostas. O texto deve ser redigido em prosa. A fuga do tema ou a cópia da coletânea anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases. Quando for necessária, a transcrição deve estar a serviço do seu texto.

Independentemente do gênero escolhido, o seu texto **NÃO** deve ser assinado.

Tema: **O papel da escola diante da ideologia do consumo.**

Coletânea

1.



Disponível em: <<http://www.assisramalho.com.br/>>. Acesso em: 27 set. 2013.

2. Consumo e subjetividade

D. Mancebo; D. M. Oliveira; J. G. T. Fonseca; L. V. Silva

O estudo do consumo – aqui entendido como o conjunto de processos socioculturais nos quais se realizam a apropriação e os usos dos produtos – da cultura de consumo e até da sociedade de consumo só se tornou uma área conceitual de importância para as ciências sociais e humanas recentemente. As profundas transformações a que assistimos nos últimos anos – as transações de mercado operadas pelas grandes corporações, as novas características de acumulação flexível do capital, os meios de comunicação de massa, a propaganda subliminar a nos convencer a incorporar novos conceitos sobre as nossas necessidades, mas também as propensões sociais e psicológicas, como o individualismo e o impulso de realização pessoal por meio da autoexpressão, a busca de segurança e identificações coletivas – todas estas questões, tão presentes no cotidiano global, levaram a que disciplinas sociais e humanas passassem a se debruçar sobre os modos de consumo e estilos de vida de maneira mais intensa, retirando a questão de um certo submundo acadêmico.

No entanto, mesmo que de forma secundária e marginal, o consumo tem sido motivo de análises pelo menos desde o século XIX, e o consumismo, em especial nos países ricos, constituiu-se em alvo de críticas mais intensas e frequentes, desde os anos 60 do século que acaba de findar.

O consumidor vive as suas condutas consumistas, como distintivas, como sinais de liberdade, de possibilidades de escolhas, e não como um condicionamento de diferenciação e de obediência a um código.

O consumo remete à noção de abundância e, sob este prisma, os objetos organizam-se de dois modos complementares: a profusão e a panóplia. A profusão, que é a forma mais rudimentar de abundância de objetos e serviços, cria a evidência do excedente, a negação mágica e definitiva da rareza, a presunção materna e luxuosa da terra da promissão e transporta à ilusão de igualdade pelo consumo. O segundo modo de organização é a panóplia, em que os objetos são organizados em coleções, nas quais cada unidade indica uma relação de outros objetos em movimento recíproco. O objeto não é mais consumido como mercadoria, mas como um sinal que expressa diferenciações. Assim, quando vemos os diversos modelos de carros, de eletrodomésticos, de móveis etc., a nossa reação psicológica é organizá-los numa cadeia de signos que se torna cada vez mais complexa, sugerindo a existência de um superobjeto: um objeto melhor, mais novo, mais apropriado à nossa condição social. Assim, as estruturas de classes ou grupos são reorganizadas pela panóplia, através da posse de signos-troféus que identificam uma pessoa como membro de uma classe ou grupo. Há, portanto, uma contradição lógica entre profusão – que remete a uma possível equalização do consumo, apresentando muitas mercadorias para todos – e panóplia, por definição, organização dos objetos em coleções diferenciadoras. Na realidade, há uma contradição lógica entre a hipótese ideológica da sociedade de crescimento (de abundância), que é a homogeneização social no nível mais alto, e a correspondente lógica social concreta baseada na diferenciação estrutural.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413294X2002000200013&script=sci_arttext&tlang=pt>. Acesso em: 27 set. 2013. (Adaptado).

3. Educação e consumo

Simone Tinti

Para o psicólogo Yves de La Taille, professor e pesquisador da USP, a educação hoje precisa entender a relação do consumo com a existência de uma valorização da chamada "cultura da vaidade". As crianças vivem, desde cedo, em meio à valorização do "ter" em vez do "ser". Principalmente a partir dos 3 anos de idade, quando já falam e pedem o que querem, influenciando nas compras da família.

Os prejuízos dessa cultura para o desenvolvimento da criança são muitos. "Destruição da criatividade, erotização precoce e estresse", afirma Susan Linn, professora de Psiquiatria de Harvard. "Hoje em dia, as brincadeiras são roteirizadas, como um filme que as crianças vêem muitas vezes. Elas não são incentivadas a pensar por si mesmas e a inventar seus próprios brinquedos, pois grande parte deles já vem com um chip de computador inserido, com tudo programado", diz.

Seria possível, então, ensinar as crianças a resistir a enfrentar a ordem do consumo? Para Cortella, a resistência começa em casa. "A criança só vai ser um consumidor desvairado se os pais estimularem esse comportamento". La Taille também defende essa idéia. "Ninguém nasce consumidor. Só que algumas crianças, aos 10 anos de idade, já têm mais objetos do que qualquer adulto", afirma o psicólogo.

De acordo com os especialistas, até os 12 anos de idade, as crianças não têm capacidade de distinguir entre o que é bom ou ruim. "Elas também não sabem diferenciar quando a propaganda termina e começa o desenho animado, por exemplo. Não podemos esperar que elas se defendam do marketing. Se até nós, adultos, somos suscetíveis, imagine as crianças", afirma Susan, que defende a proibição da propaganda para crianças até essa idade. Ela acredita, ainda, que os pais não estão conseguindo desempenhar a responsabilidade em controlar o impulso consumista dos filhos.

Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI13373-15546,00.html>>. Acesso em: 27 set. 2013. (Adaptado).

4.Cidadania e consumo

Jaime Pinsky

Não há dúvida de que o direito do consumidor é um direito de cidadania. Lamentável, contudo, seria restringir o direito de cidadania ao direito do consumidor. O mundo não resistirá a uma inversão de valores tão profunda, que transforme, pura e simplesmente, cidadãos em consumidores, devoradores de sonhos em comedores de hambúrgueres, sonhos utópicos de uma sociedade mais justa em sonhos de compradores, possuidores e usuários.

O final da utopia socialista todos conhecemos. O capitalismo pode mostrar sua face mais selvagem. A globalização encarregou-se de fazer com que algumas restrições impostas pelo capitalismo alcancem quase todas as nações do planeta. A data da aposentadoria se aproxima, cada vez mais, do momento em que a doença de Alzheimer toma conta dos nossos cérebros.

O acesso aos bens culturais é entendido como o direito a assistir televisão, ouvir músicas de qualidade duvidosa e fazer um happy hour no final do dia.

A ausência de utopias nos leva a um consumismo desvairado e compulsivo: sentimo-nos infelizes, verdadeiramente infelizes, se não damos conta de comprar tal ou qual objeto que as pessoas de nossa relação possuem, e transformamos nossa incapacidade de comprar em incapacidade de viver, de amar, de ser feliz. Temos certeza de que nossa felicidade está, em grande parte, condicionada à capacidade de adquirir, ter e usar, não de desfrutar. Nossa impotência metafórica (pois sempre haverá algo que não conseguiremos adquirir) transforma-se em impotência funcional.

Ser cidadão é muito mais do que ter uma tevê enorme, um aparelho de som ruidoso, um automóvel poderoso. É ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei; é, em resumo, ter direitos civis. Também participar do destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais, fruto de um longo processo histórico que levou a sociedade ocidental a conquistar parte desses direitos.

Disponível em: <http://www.idec.org.br/uploads/revistas_materias/pdfs/2005-03-ed86-opiniao.pdf>. Acesso em: 27 set. 2013. (Adaptado).

5.Consumir ou não consumir já não é a questão. Como consumir: eis a questão.

D. C. Laje

Decidi escrever algumas coisas que penso a respeito do consumo e do ato de consumir. Em primeiro lugar, eu gostaria de esclarecer que não sigo a linha do anticonsumismo, como algumas pessoas pensam. Sinto muito se vou decepcionar alguns corações comunistas, mas eu sou declaradamente fã do capitalismo, meus caros. Isso se justifica pelo fato de que eu não só valorizo as liberdades individuais como creio com todas as minhas forças no poder do indivíduo.

Eu vejo o consumo como um campo de batalha. Às vezes, o resultado pode ser o empate: numa relação *win-win*, a empresa vende/lucra e o consumidor faz uma boa compra. Muito raramente, o resultado é a derrota da empresa; imaginem uma etiqueta com o preço marcado errado, bem abaixo do preço real, por exemplo. A empresa, obrigada por lei a cobrar o preço da etiqueta, perde e o consumidor ganha. Entretanto, na maioria das vezes, quem perde é o consumidor. No nosso país, infelizmente, as coisas ocorrem dessa maneira.

Consumir é uma forma de exercer poder e de exigir mudanças. Conhecer é uma forma de poder. Questionar é uma forma de poder. Se você consome usando os seus conhecimentos e a sua capacidade de questionar, ou seja, se você consome de forma consciente, você tem chances de ser um participante ativo do jogo. Melhor ainda, você tem chances de ganhar o jogo. Que produto é esse? Eu realmente preciso dele? Será que não existe um melhor? Ele tem uma boa relação qualidade-preço? Por esse preço, eu não deveria exigir uma coisa de melhor qualidade? E na hora de vender, eles me contam muitas milongas? Essa empresa é coerente com os seus princípios? Que discursos e valores eles fomentam na hora de promover o produto? Me identifico com aquela propaganda ou sinto nojo? Será que essa empresa trata bem os funcionários e tem uma política social-corporativa decente? E como será a política ambiental? Eu realmente posso comprar esse produto? Ele se encaixa nas minhas finanças ou seria melhor deixar para o mês que vem? Eu estou comprando isso porque quero ou simplesmente me fisgaram e atuei impulsivamente? Até que ponto os meus desejos ou inseguranças estão sendo explorados?

Esses foram alguns exemplos de perguntas que podem ser feitas na hora de consumir. Consumir um produto não é apenas levá-lo para casa. Também é financiar uma empresa, uma estrutura, uma forma de fabricar, uma forma de vender, uma forma de fazer publicidade, uma política de marketing. Uma postura tipicamente latino-americana, aliás. As multinacionais são as culpadas de tudo. Parece que ninguém lembra que, se todo mundo deixar de comprar determinado produto, este obviamente deixará de ser fabricado. O mais engraçado é que apenas aqueles que acreditam no poder do um e no poder do indivíduo se comportam como indivíduos. Os que acham que "a minha parte não vai fazer diferença alguma" ou que "não vou fazer isso porque ninguém faz" se comportam como massa, são massa.

O problema principal muitas vezes não é o produto em si, mas sim a forma como ele está sendo vendido. Questionar esses discursos é sempre válido. Tentar decifrar que valores e que ideologias estão por trás das propagandas e das informações transmitidas pelos veículos de comunicação é um exercício saudável. Também é uma tarefa árdua, chata, dura, desanimadora. Quem atua assim muitas vezes é tratado com desdém, mas não devemos nos abater. Afinal, o que consideram algo melhor para fazer na vida? Consumir roupa-lixo, comida-lixo e entretenimento-lixo? Será que isso é melhor mesmo? Para algumas pessoas pode ser. Para mim, por exemplo, não. Afinal, eu conheço o valor do meu dinheiro, sou exigente e não me contento com qualquer coisa.

Além do mais, atualmente não exercemos a cidadania apenas votando, respeitando o semáforo e os limites de velocidade, pagando os impostos ou separando o lixo para reciclar, mas também consumindo, analisando o que estão nos vendendo, de que forma e a que preço. Quando votamos ou consumimos, estamos transferindo o nosso poder aos políticos e às empresas.

Disponível em: <<http://dclaje.wordpress.com/2010/08/04/consumir-ou-nao-consumir-ja-nao-e-a-questao-como-consumir-eis-a-questao/>>. Acesso em: 27 set. 2013 . (Adaptado).

6.



Disponível em: <<http://katiakiss.files.wordpress.com/2011/09/consumismo.jpg>>. Acesso em: 2 out. 2013.

Propostas de redação

A – Artigo de opinião

O *artigo de opinião* é um gênero do discurso argumentativo que tem a finalidade de expressar o ponto de vista do autor a respeito de um determinado tema. A validade da argumentação é evidenciada pelas justificativas de posições assumidas pelo autor ao apresentar informações e opiniões que se complementam ou se opõem. No texto, predominam sequências expositivo-argumentativas.

Suponha que você foi convidado por um jornal de circulação local para escrever um artigo de opinião a respeito do tema **O papel da escola diante da ideologia do consumo**. Defenda seu ponto de vista, apresentando argumentos que evidenciem seu posicionamento frente à polêmica instaurada pelo tema.

B – Carta de leitor

De natureza persuasivo-argumentativa, a *carta de leitor* é um gênero discursivo no qual o leitor manifesta sua opinião sobre assuntos publicados em jornal, revista ou em outro veículo de comunicação, dirigindo-se ao editor ou ao autor de um texto publicado. O texto da carta é caracterizado pela construção da imagem do interlocutor e por estratégias de convencimento. Os argumentos do autor buscam convencer o destinatário a acatar o seu ponto de vista e suas ideias.

Suponha que você seja um(a) professor(a) que atua na educação básica e tenha se sentido incomodado com o texto “Consumir ou não consumir já não é a questão. Como consumir: eis a questão”, de D. C. Laje (Texto 5). Motivado(a) pela reflexão da autora e relacionando o Texto 5 e os demais textos da coletânea com o papel da educação escolar, você resolve escrever uma carta para a seção de cartas de leitor de um jornal local. Trata-se, portanto, de uma carta de tipo persuasivo-argumentativo, em que você defenderá seu ponto de vista a respeito do tema **O papel da escola diante da ideologia do consumo**. Construa seus argumentos por meio de elementos persuasivos que possam convencer os leitores do jornal a acatarem o seu ponto de vista sobre o tema.

ATENÇÃO

**Você não deve identificar-se, ou seja, você deve assumir o papel de um leitor fictício.
A sua carta NÃO deve ser assinada.**

FOLHA DE REDAÇÃO / RASCUNHO

01	
02	
03	
04	
05	
06	
07	
08	
09	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	
32	
33	
34	
35	
36	
37	
38	
39	
40	